

Sequestro de bebês, uma rotina nas ditaduras latinas. E o Brasil?

(Rede Brasil Atual, 02/04/2016) Autor de livro sobre o tema, a ser lançado quinta (7), jornalista questiona o porquê de apenas um caso ser conhecido oficialmente até hoje. E lamenta que o país não se esforce para investigar

Histórias envolvendo sequestro de bebês são comuns em países vizinhos, especialmente na Argentina, Chile e no Uruguai. O escritor Eric Nepomuceno, por exemplo, lançou no ano passado *A Memória de Todos Nós*, trazendo detalhes de alguns casos ocorridos durante as ditaduras latinas. Chama a atenção a falta de relatos de episódios dessa natureza no Brasil. O livro *Depois da Rua Tutoia* (11 Editora), a ser lançado na próxima quinta-feira (7), em São Paulo, traz um pouco de luz à escuridão de informações que ainda costuma ocorrer quando o assunto é memória. “Como pôde haver tantos sequestros de recém-nascidos na Argentina (cerca de 500, com 149 já reconhecidos e identificados), no Uruguai, Chile, Paraguai, Bolívia, e aqui nada?”, questiona o autor, o jornalista Eduardo Reina, 52 anos.

A Rua Tutoia é um tristemente conhecido endereço na Vila Mariana, zona sul de São Paulo. Ali, funcionou uma das grandes máquinas de repressão e tortura, a Operação Bandeirante (Oban), financiada por empresários, e posteriormente o DOI-Codi. O local abriga hoje o 36º Distrito Policial. O prédio foi tombado pelo Patrimônio Histórico em 2014, mas preserva pouco de suas características originais. Ativistas de direitos humanos querem transformá-lo em um centro de memória.

Reina gostaria de fazer um livro-reportagem, mas optou por escrever um romance baseado em histórias reais. “Há muitas lacunas entre as histórias verdadeiras que precisam de documentos e declarações”, argumenta.

O autor conta que, no lançamento, uma novidade tornará o livro quase interativo: “Os três primeiros capítulos são documentos do Cenimar (*Centro de Informações da Marinha*) e DOI-Codi sobre a investigação sobre os pais biológicos de Verônica (*personagem do romance*). Documentos com

informações sigilosas. E eles estarão dentro de um envelope no começo do livro, com o timbre de confidencial. O leitor terá de rasgar esse envelope para ler o que ele contém”.

Ele lembra que o único caso registrado oficialmente no Brasil é o de Lia Cecília da Silva Martins, empresária de 41 anos, conforme registro do país adotivos, que mora no Rio de Janeiro. Lia foi sequestrada ainda bebê e levada a um internato em Belém por dois militares que atuaram contra a Guerrilha no Araguaia - em 1974, ela foi para um creche. Seria adotada anos depois. O tempo passou, e em 2009 Lia Cecília leu no jornal *O Estado de S. Paulo* uma notícia sobre crianças sequestradas no Araguaia, citando a existência de um bebê branco que poderia ser filho de um militante morto. Um exame de DNA feito no ano seguinte indicou haver mais de 90% de compatibilidade genética de Lia ser irmã dos filhos de Antônio Theodoro de Castro, o Raul, filiado ao PCdoB, desaparecido no Araguaia quando tinha 29 anos.

O sequestro de bebês em países como Argentina e Uruguai tornou-se uma triste rotina durante as ditaduras, mas também houve, e ainda há, uma mobilização permanente para encontrá-los e identificar suas verdadeiras famílias. Por que isso não aconteceu no Brasil?

Imagino que por falta de informação. Hoje estão em tramitação na Justiça oito processos que podem revelar casos de sequestro de bebês na ditadura. São todos envolvendo guerrilheiros que lutaram no Araguaia.

Da mesma forma, as comissões da verdade em outros países sul-americanos parecem ter causado impacto maior do que aqui, onde aparentemente há uma tentativa de fazer tudo cair no esquecimento. Apesar dos esforços de tantas pessoas e entidades, o país não se esforça para resgatar sua memória? Falta coragem, vontade política?

O país não se esforça. Desde o fim da ditadura, em 1985, nenhum presidente foi mais firme e determinou uma investigação mais aprofundada sobre esse tema. Ou mesmo para punir aqueles responsáveis por tortura e pessoas desaparecidas. Falta vontade política. O jogo é pesado. Hoje, muitas pessoas que estiveram envolvidas coma repressão, atuando nela ou financiando-a, ainda estão na ativa. São empresários, banqueiros, ex-ministros, políticos etc.

Uma investigação mais detalhada ou mesmo o aparecimento de listas com denúncias sobre essas pessoas seria devastador. O máximo que o Brasil avançou são as Comissões da Verdade.

Qual o ponto de partida do livro? O que despertou seu interesse?

Duas histórias, que eu costurei e as tornei apenas uma. A primeira teve como base a ação de Herbert de Souza, o Betinho, no Jardim Zaira, na cidade de Mauá (*na região do ABC paulista*). Ele era da AP (*Ação Popular*) e desenvolvia um amplo trabalho de conscientização da população mais carente, trabalhou numa fábrica de porcelana nessa cidade. Foi perseguido e preso, como os personagens que são os pais biológicos da bebê sequestrada no meu livro.

A outra ponta - a outra história - faz chegar o texto até hoje. Uma amiga contou a história de uma mulher que virou freira, mas era apaixonada por um homem, que era casado. Tempos depois, eles se reencontram com o homem em busca dela, que estava trabalhando na Igreja em Roma. Ele a convence a ela larga a vida religiosa para ficar com ele.

Essa mulher, que não conheço pessoalmente, vai estar presente no lançamento. Ela mora no Rio e estará presente no dia 7, com o marido e com a filhinha recém-nascida. Essa parte da história também é muito importante para o livro, porque a Verônica (a bebê sequestrada) vive uma vida muito atormentada, em busca de seu verdadeiro eu. E sempre em busca da verdade. Ela cruza com a mãe biológica em vários momentos da história. E o final é bastante surpreendente, envolvendo a duas.

Importante dizer que eu quero tornar público e ampliar esse assunto polêmico do sequestro de bebês na ditadura no Brasil. Como pôde haver tantos sequestros de recém-nascidos na Argentina (cerca de 500, com 149 já reconhecidos e identificados), no Uruguai, Chile, Paraguai, Bolívia, e aqui nada? Apenas um caso real identificado (graças à própria vítima, que foi atrás de sua história, fez DNA etc.)

Seu livro é um romance baseado em histórias reais. Por que a opção por esse formato?

Porque é difícil obter documentos que comprovem a ação de militares e de agentes da repressão no sequestro de bebês no Brasil. Gostaria muito de escrever um livro reportagem sobre o assunto. Mas não foi possível. Há muitas lacunas entre as histórias verdadeiras que precisam de documentos e declarações.

A obra trata também de outros aspectos menos conhecidos da ditadura, como o financiamento empresarial à repressão. Ativistas cobram punição. Você acredita que isso ainda poderá acontecer?

Acredito que isso poderá acontecer um dia. Pelo menos é o que espero. Há várias teses e livros que descrevem esses episódios, com detalhes. Mas falta vontade política para fazer esses processos andarem. São muitas pessoas (empresários, banqueiros etc) envolvidas na captação de dinheiro que financiava os órgãos de pressão, principalmente a Operação Bandeirante e o DOI-Codi.

Na apresentação, fala-se em um “único caso existente e praticamente comprovado”. A sua investigação permite supor quantos casos podem ter ocorrido por aqui? Já foi procurado por alguém depois que o livro saiu?

Eu cruzei muita informação para tentar chegar a esse número da sua pergunta. O caso único é da Lia Cecília da Silva Martins, uma empresária que mora hoje no Rio de Janeiro. Há outros oito casos de guerrilheiros do Araguaia que tramitam na Justiça. Mas pode haver muito mais. É preciso ter acesso a documentação e, principalmente, que pessoas comecem a contar as histórias que conhecem. Essas informações cruzadas são de histórias que ouvi dizer com dados de Comissões da Verdade nacional e de estados, além de livros escritos e editados pelos próprios militares, como o famoso Projeto Orvil.

Outro ponto que me leva a crer nessa existência foi o modo de operação semelhante entre os países do Cone Sul na repressão aos opositores das respectivas ditaduras. Havia uma aliança política militar estratégica entre Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e Bolívia. As cabeças que mandavam e as mãos que executavam as ações tiveram treinamento nos

Estados Unidos. E os militares desses países agiam em consonância e do mesmo modo contra as oposições.

Você “descobriu” uma pessoa de quem tinha conhecimento apenas da história. Como foi isso?

A descoberta da Lia Cecília veio com essa pesquisa e leitura de livros. Ela consta do livro *Infância roubada - crianças atingidas pela ditadura militar no Brasil*, elaborado pela Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, cujo presidente, Adriano Diogo, escreveu o prefácio do meu livro. A história dela é muito legal, pois quando pequena desconfiava ser adotada, até que a família contou a ela. O bichinho da curiosidade ficou dentro de Lia Cecília, e o acaso ajudou muito nessa descoberta. Ela viu num jornal uma notícia sobre guerrilheiro do Araguaia e achou que era muito parecida com ele. Mas só depois que os pais adotivos morreram Lia teve coragem de ir atrás de sua verdadeira história. Ela procurou o jornal, o repórter que fez a matéria com o suposto pai (o guerrilheiro). Achou o endereço da família desse guerrilheiro e fez uma visita. Achou os outros filhos do homem muito parecidos com ela. Fez o DNA e resultou positivamente.

Vitor Nuzzi

Acesse no site de origem: [Sequestro de bebês, uma rotina nas ditaduras latinas. E o Brasil? \(Rede Brasil Atual, 02/04/2016\)](#)

Violência de gênero deve ser vista como uma forma de tortura, destacam relatores da

ONU

(ONU Brasil, 08/03/2016) Por ocasião do Dia Internacional da Mulher, comemorado nesta terça-feira (8), especialistas independentes das Nações Unidas destacaram que países devem considerar a violência de gênero como ‘uma forma tortura’, empenhando-se ainda mais no seu combate e proibição.

Para os relatores, membros de comitês e grupos de trabalho de mecanismos de direitos humanos da ONU e que abordam temas como tortura, saúde mental e física, violência de gênero e tráfico humano, os Estados-membros não podem ignorar suas obrigações de combater abusos que afetam mulheres e meninas do mundo todo e que podem ser vistos como ‘tipos de tratamento degradantes, cruéis e desumanos’.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Violência de gênero deve ser vista como uma forma de tortura, destacam relatores da ONU \(ONU Brasil, 08/03/2016\)](#)

Mulheres são vítimas de tortura sistêmica nos presídios, diz defensor público

(Agência Brasil, 09/12/2015) O coordenador de Direitos Humanos da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, Fábio Amado, disse hoje (9) que as mulheres são vítimas de tortura “sistêmica e generalizada” nos presídios do país. A afirmação foi feita durante seminário “Os desafios para o enfrentamento à tortura”, realizado no auditório da Defensoria Pública, na região central do Rio. Amado ressaltou a importância de integrar e fortalecer o diálogo entre os diversos órgãos, instituições e mecanismos que atuam na erradicação dessa prática. Para o coordenador, existe um viés sexista que

afeta diretamente as mulheres.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Mulheres são vítimas de tortura sistêmica nos presídios, diz defensor público \(Agência Brasil, 09/12/2015\)](#)

Documentário inédito dá voz às mulheres que lutaram na Ditadura Militar

(Catraca Livre, 19/10/2015) Após 12 anos de intensa produção, as diretoras Danielle Gaspar e Krishna Tavares trazem à tona o depoimento de mulheres que lutaram na Ditadura Militar do Brasil, no documentário batizado de [“Atrás de Portas Fechadas”](#). São 73 minutos em que o público mergulha em um registro histórico sobre ex-militantes de organizações que protestavam pela participação política contra a repressão.

A ideia do projeto nasceu de um TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) quando as duas ainda cursavam a faculdade de jornalismo na PUC-Campinas, em 2003.

“Ao longo da investigação, percebemos a importância do material que estávamos coletando e, captamos as entrevistas, já com a intenção futura de finalizarmos um longa. Queríamos falar da mulher comum e descobri-la como sujeito da história, pois percebemos que as mulheres são destinadas ao ‘silêncio das paredes domésticas’ e excluídas do relato histórico oficial, que se baseia no espaço público, mais especificamente nas relações políticas”, explica Danielle.

MULHERES.
LUTA IDEOLÓGICA.
QUEBRA DO SILÊNCIO.

ATRÁS DE PORTAS FECHADAS

Um filme de
DANIELLE GASPAS e
KRISHNA TAVARES

Roteiro, Argumento e Direção: DANIELLE GASPAS e KRISHNA TAVARES
Edição e Montagem: DANIELLE GASPAS e EDUARDO GARCIA
Trilha original: FRANCISCO RIBAS BOSCO e KRISHNA TAVARES
Câmera: CARLOS MARIUZZO, OSCAR JR. e VALDECIR SARAIVA
Edição de som: THEO VIEIRA
Direção de Arte: ANDRÉ YAS

Realização:
DOCUMENTART
FILMES

O documentário permeia, ainda, a questão das mulheres da elite brasileira que deixaram seus lares apenas provisoriamente para defender-se da “ameaça comunista”. Tais eventos influenciaram o debate sobre o

comportamento e a condição da mulher na sociedade brasileira. Ao observarem a instância pública da vida destas pessoas, veio a seguinte pergunta: “o que ocorre na vida privada que determina as escolhas na vida pública?”.

“Tínhamos lido muitas coisas a respeito de mulheres que participaram das organizações de esquerda que atuaram no combate contra a ditadura de 1964, além de filmes e eventos a respeito deste tema. Mas também nos impactava os relatos e registros sobre as Marchas da Família com Deus Pela Liberdade e, sobretudo, a falta de interesse acadêmico ou artístico em estudar ou entender tal movimento”, diz a documentarista.

A produção reúne entrevistas com Zilah Abramo, socióloga, organizadora da Comissão de Mães em Defesa dos Direitos Humanos e vice-presidente da Fundação Perseu Abramo; Maria Amélia Teles, ex-militante do Partido Comunista do Brasil, fundadora da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos no Brasil 1964-1985 e integrante da Comissão Estadual da Verdade de SP, quatro integrantes da UCF (União Cívica Feminina), entre outras, totalizando oito entrevistadas, mescladas entre os dois contextos apresentados.

Assista ao trailer:

A estreia do documentário está marcada para acontecer em São Paulo no próximo sábado, dia 24, durante o Cine Direitos Humanos, no Espaço Itaú de Cinema do Shopping Frei Caneca. A programação começa às 11h e haverá debate com as diretoras ao final. Os convites de entrada serão distribuídos 1h antes. Em breve, “Atrás de Portas Fechadas” também será exibido no Rio de Janeiro e Brasília.

Serviço

QUANTO: *Catraca Livre*

ONDE: [Espaço Itaú de Cinema Frei Caneca](http://www.itaucinemas.com.br) www.itaucinemas.com.br

Rua Frei Caneca, 569

Consolação - Centro

São Paulo

(11) 3472-2365

Sáb 24/10 às 11:00

Acesse no site de origem: [Documentário inédito dá voz às mulheres que lutaram na Ditadura Militar \(Catraca Livre, 19/10/2015\)](#)

Promotoria denuncia homem que decepou mãos de companheira no RS

(Folha de S.Paulo, 14/08/2015) O Ministério Público do Rio Grande do Sul denunciou Elton Jones Luz de Freitas, 26, por tentativa de homicídio quadruplamente qualificado. Freitas decepou as mãos e feriu a cabeça, barriga, pernas e pés da companheira Gisele Santos, 22, no último dia 2. Os dois viviam em São Leopoldo (região metropolitana de Porto Alegre) e tinham um relacionamento havia sete anos. O ataque ocorreu quando Gisele tentou romper o relacionamento abusivo. A jovem contou que socos, pontapés e empurrões eram comuns e que ele a afastou dos estudos, do trabalho e dos amigos por ciúme.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Promotoria denuncia homem que decepou mãos de companheira no RS \(Folha de S. Paulo, 14/08/2015\)](#)

Mesas de Estudos e Debates : Para que nunca mais aconteça - Debates sobre tortura, sua prevenção e combate no Brasil - São Paulo/SP, 26/06/2015

O evento *“Para que nunca mais aconteça” - Debates sobre tortura, sua prevenção e combate no Brasil* ocorrerá no dia internacional da luta contra a tortura. Seu objetivo é debater de que maneira tem se dado a prevenção e o combate à tortura no Brasil contemporâneo e os principais desafios para enfrentar o cotidiano de violência institucional que persiste no país. Espera-se com o evento potencializar articulações para o fortalecimento do sistema nacional de prevenção e combate à tortura.

Formato: O evento terá duração de dois períodos (das 16h às 18h30 e das 19h às 21h30) e será formado por quatro mesas de duração de uma hora e quinze minutos cada.

Mesa de abertura - 16h às 16h15

Mesa 1: O Sistema Nacional de Prevenção e Combate à Tortura - Importância da Articulação

Horário: 16h15 às 17h30

Expositores:

- 1- Vladimir Sampaio (MJ/SAL)
- 2- Taiguara Souza (Mecanismo estadual de prevenção e combate à tortura - RJ)
- 3- Deise Benedito - Mecanismo nacional de prevenção e combate à tortura)

Presidente da mesa: Humberto Fabretti (IBCCRIM)

Mesa 2: Cenários contemporâneos de Tortura

Horário: 17h30 às 18h45

Expositores:

- 1- Samuel Friedman (DPE-SP)
- 2- Gorete Marques / Fernando Salla (IBCCRIM/NEV)

Presidenta de mesa: Amelinha Teles (União de mulheres de São Paulo/IBCCRIM)

Mesa 3: Considerando a Tortura - Entraves e Desafios para atuações jurídicas efetivas contra a tortura

Horário: 19h às 20h15

Expositores:

- 1- Eloísa Machado (FGV/CADHU)
- 2- Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer (USP)

Presidenta da mesa: Bruna Angotti (IBCCRIM)

Mesa 4: Comitê/Mecanismo Estadual de Prevenção e Combate à Tortura

Horário: 20h15 às 21h30

Expositores:

- 1- José de Jesus Filho (FGV-SP)
- 2- Padre Valdir (Pastoral carcerária)
- 3- Vivian Calderoni (conectas Direitos Humanos)

Presidenta da Mesa: Andréa D'Angelo

Inscrições gratuitas!

Acesse IBCCRIM - www.ibccrim.org.br

Informações: mesas@ibccrim.org.br ou (11) 3111-1040 ramal 181



Mesa de Estudos e Debates
“Para que nunca mais aconteça”
Debates sobre tortura, sua prevenção e combate no Brasil

Data e horário: 26.06.2015 (sexta-feira) 16h às 21h30
Local: Auditório da Defensoria Pública da União - Rua Fernando de Albuquerque, nº 155, Consolação - São Paulo/SP.

Mesa de abertura - 16h às 16h15

Mesa 1: O Sistema Nacional de Prevenção e Combate à Tortura – Importância da Articulação
Horário: 16h15 às 17h30
 1- Vladimir Sampaio (MJ/SAL),
 2- Taiguara Souza (Mecanismo estadual de prevenção e combate à tortura – RJ)
 3- Deise Benedito (Mecanismo nacional de prevenção e combate à tortura)
Presidente da mesa: Humberto Fabretti (IBCCRIM)

Mesa 2: Cenários contemporâneos de Tortura
Horário: 17h30 às 18h45
Expositores:
 1- Samuel Friedman (DPE-SP)
 2- Gorete Marques / Fernando Salla (IBCCRIM/NEV)
Presidente da mesa: Amelinha Teles (União de mulheres de São Paulo/IBCCRIM)

Mesa 3: Considerando a Tortura – Entraves e Desafios para atuações jurídicas efetivas contra a tortura
Horário: 19h às 20h15
Expositores:
 1- Eloisa Machado (FGV/CADHU)
 2- Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer (USP)
Presidente da mesa: Bruna Angotti (IBCCRIM)

Mesa 4: Comitê/Mecanismo Estadual de Prevenção e Combate à Tortura
Horário: 20h15 às 21h30
Expositores:
 1- José de Jesus Filho (FGV-SP)
 2- Padre Valdir (Pastoral carcerária)
 3- Vivian Calderoni (conectas Direitos Humanos)
Presidente da Mesa: Andrea D'Angelo

Inscrições gratuitas! Acesse: www.ibccrim.org.br
 Informações: mesas@ibccrim.org.br ou (11) 3111-1040 ramal 181

Realização:  **Apoio:** 

Morre, aos 72 anos, única sobrevivente da Casa da Morte

(O Estado de S. Paulo, 27/04/2015) Depoimentos da ex-guerrilheira Inês Etienne Romeu foram fundamentais para denunciar principal centro de tortura da ditadura

Morreu na manhã desta segunda-feira, 27, aos 72 anos, a ex-guerrilheira Inês Etienne Romeu, única sobrevivente da Casa da Morte, em Petrópolis, cidade na região serrana do Rio. O imóvel foi um dos principais centros clandestinos usados pelo Exército para detenção ilegal, tortura, execução e ocultação de cadáveres de presos políticos nos anos 70 do século passado, durante a

ditadura militar.

Leia mais: [Nota de pesar pelo falecimento de Inês Etienne Romeu \(SPM, 27/04/2015\)](#)

Mineira de Pouso Alegre, Inês enfartou por volta das 5 horas enquanto dormia em casa, em Niterói (município na Região Metropolitana), disse um dos irmãos, o jornalista Paulo Romeu, de 69 anos. “Foi um enfarte muito forte, o médico disse que não poderia ter feito nada.” A cremação do corpo está marcada para as 14h30 desta terça no cemitério Parque da Colina, em Niterói.

As informações mais importantes sobre a Casa da Morte foram conhecidas a partir do depoimento de Inês e acabaram confirmadas por documentos produzidos pelo próprio Estado. “Ela foi uma combatente da ditadura que sempre lutou pela democracia. Pagou um preço alto, mas nunca se arrependeu”, disse o irmão.

Inês foi presa em 5 de maio de 1971 por agentes comandados pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury, em São Paulo sob a acusação de fazer parte da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e participar do sequestro do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher. Ela foi levada à Casa da Morte, onde ficou presa, submetida a torturas e estupros, de 8 de maio a 11 de agosto de 1971. Sua prisão só foi documentada em 7 de novembro daquele ano.

Inês cumpriu oito anos de prisão . Ela conseguiu convencer os agentes de que colaboraria com o Centro de Informação do Exército (CIE). A Justiça então a transferiu para o presídio de Bangu. Em 29 de agosto de 1979, com a promulgação da Lei da Anistia, foi libertada pesando por volta de 30 quilos e fez a denúncia apontando, inclusive, o endereço do local.

Uma semana depois, compareceu à sede do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), no Rio, para registrar seu testemunho. Na denúncia, identificou torturadores e carcereiros, o dono do imóvel, Mario Ladders, e militantes desaparecidos que passaram pela casa.

Em fevereiro de 1981, quase dez anos após a prisão, ela ajudou a localizar a

casa em Petrópolis, cuja planta havia desenhado em 1971. A pedido da Comissão Nacional da Verdade (CNV), Inês reconheceu, por meio de fotografias, alguns de seus torturadores.

Em 2009, Inês recebeu o prêmio Nacional de Direitos Humanos, na categoria Direito à Memória e à Verdade.

“Foi uma heroína brasileira. Graças a ela e tão somente a ela descobriu-se a existência da famigerada Casa da Morte, onde foram supliciados e mortos dezenas de perseguidos políticos. Ela foi a única a escapar viva”, disse o presidente da Comissão da Verdade do Rio, Wadih Damous.

Segundo ele, a comissão apresentará à Câmara de Vereadores de Petrópolis pedido para que a rua onde fica o imóvel onde funcionou a Casa da Morte ganhe o nome de Inês. A Comissão da Verdade também defende a transformação do imóvel em um espaço de memória. “Inês Etienne merece que o povo brasileiro saiba da sua luta. A história já foi contada por ela, mas é necessário que os arquivos do Centro de Informações do Exército sejam abertos e que os agentes torturadores sejam ouvidos e responsabilizados por seus atos”, disse Damous.

Felipe Werneck e Diego Moura

Acesse o PDF: [Morre, aos 72 anos, única sobrevivente da Casa da Morte \(O Estado de S. Paulo, 27/04/2015\)](#)

Promotora diz que Verônica Bolina negou tortura após

promessa de diminuição de pena

(Brasil Post, 19/04/2015) A travesti Verônica Bolina, de 25 anos, presa no último dia 10 após tentar matar uma mulher de 73 anos, disse ter negado as agressões sofridas no 2º Distrito Policial do Bom Retiro após uma ‘promessa’ de redução de pena. A declaração foi prestada na última sexta-feira (17) a promotores do Grupo Especial de Controle Externo da Atividade Policial (Gecep), do Ministério Público de São Paulo, que investigam o caso.

Leia mais:

[Corregedoria vai investigar policiais acusados de agredir travesti em São Paulo \(Agência Brasil, 16/04/2015\)](#)

[Planalto e OAB cobram polícia de SP por travesti espancada \(Folha de S. Paulo, 16/04/2015\)](#)

[Em defesa de Verônica Bolina, por Jarid Arraes \(Portal Fórum, 15/04/2015\)](#)

[Presa, negra e travesti: devemos ser todas Verônica, por Renan Quinalha \(A Ponte, 15/04/2015\)](#)

“Ela (Verônica) disse que a gravação não corresponde à verdade dos fatos. Quando perguntamos por que teria gravado o áudio, ela disse que prometeram auxiliá-la com uma diminuição de pena”, disse ao IG a promotora pública do Gecep, Luciana Frugiuele.

Duas gravações foram colhidas na prisão pela coordenadora de Políticas para a Diversidade Sexual do Estado de São Paulo, Heloísa Alves, nas quais Verônica negava ter sido agredida e torturada por policiais.

“Não fui torturada pela polícia. Eu simplesmente agi de uma maneira que achava que estava possuída, agredi os policiais, eles só agiram com o trabalho deles”, comenta a travesti em um dos áudios “Eles tiveram que usar as leis deles para me conter. Não teve, de nenhuma forma, tortura. Só fui contida, não fui torturada”, emendou Verônica.

Ao G1, a mãe da travesti, Marli Ferreira Alves, já havia negado a versão da Secretaria da Segurança Pública (SSP), segundo a qual Verônica teria sido espancada por outros presos após se masturbar na frente deles. Um

carcereiro que teria tentado ajudá-la teve parte da orelha arrancada pela travesti. Marli afirmou que foram policiais quem bateram nela.

“Não teve aquela história de preso bater e se masturbou na cadeia. Não teve nada disso. Pensa bem: ela está com a cabeça do jeito que ela está. Você acha que ela ia se masturbar na prisão? Graças a Deus que vazou tudo isso (fotos de Verônica) na internet. Porque se não tivesse vazado, talvez ela estaria morta agora”, comentou a mãe da travesti.

O caso repercutiu nas redes sociais com a hashtag #SomosTodosVerônica e gerou a revolta dos movimentos sociais e de outros órgãos. A Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania divulgou nota em que diz ter sido informada por Verônica que sofreu “agressões em vários momentos por parte de policiais militares e de ‘preto’, fazendo referência aos agentes do Grupo Operações Estratégicas (GOE)”.

Posted by [Cads SP](#) on [Quarta, 15 de abril de 2015](#)

O secretário municipal de Direitos Humanos, Eduardo Suplicy, também pediu uma apuração rigorosa do caso.

É da maior importância que a Corregedoria da Polícia Civil e também da PM realize rigorosa apuração do caso de Verônica...

Posted by [Eduardo Suplicy](#) on [Sábado, 18 de abril de 2015](#)

Idosa agredida por Verônica ainda se recupera de agressões

Em entrevista ao R7, a idosa Laura P., de 73 anos, falou sobre os momentos de medo que viveu com Verônica Bolina. Foi ela a vítima da travesti no último dia 10. Segundo a reportagem, “marcas de sangue ainda mancham as paredes do andar onde ela mora”. De acordo com a idosa, que ainda está muito machucada, Verônica invadiu o apartamento em mais de uma oportunidade naquele dia.

“Eu estava sentada trabalhando quando ele bateu na porta. Ela disse ‘você é o Satanás e vou te matar’. Depois começou a me dar socos (...). Eu nunca tive problema nenhum com a Verônica, pelo contrário, todas as vezes que nos víamos pelo corredor nos cumprimentávamos. Eu nunca reclamei de barulho e nunca briguei. Ele simplesmente invadiu a minha casa e quase me matou”, disse Laura.

A vítima das agressões de Verônica quer Justiça para o caso, assim como o filho dela, que reclamou da campanha que está sendo feita em favor da travesti.

“Estamos revoltados porque estão querendo transformar a Verônica em uma heroína. Ela teve a dignidade tirada por estar no chão com os seios à mostra. Mas e minha mãe? Eu quero justiça pelo que ele fez, independente se ele é travesti ou se fosse homem, ou uma mulher. Outra travesti salvou a vida da minha mãe e devo toda gratidão do mundo”, afirmou.

Thiago de Araújo

Acesse no site de origem: [Promotora diz que Verônica Bolina negou tortura após promessa de diminuição de pena \(Brasil Post, 19/04/2015\)](#)

Metade das mulheres presas no Líbano sofreram torturas, revela ONG

(EFE, 17/04/2015) As presas foram alvos de agressões, humilhações, insultos, ameaças e violações de sua intimidade, efetuadas por guardas exclusivamente do sexo masculino, afirmou o Centro Libanês dos Direitos Humanos (CLDH). Segundo denúncia, mais da metade das mulheres detidas em prisões do país sofreram torturas e maus tratos, revelou relatório

divulgado nesta sexta-feira pela imprensa local. “As forças de segurança torturaram de forma severa 52% das mulheres presas em 2013 e 2014 durante seus interrogatórios”, indicou o levantamento produzido pela CLDH.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Metade das mulheres presas no Líbano sofreram torturas, revela ONG \(EFE, 17/04/2015\)](#)

Bancada feminina vai pedir revisão da pena do agressor de Mara Rúbia

(Câmara Notícias, 31/03/2015) A bancada feminina se reuniu nesta terça-feira (31) com a terceira secretária da Mesa Diretora da Câmara dos Deputados, deputada Mara Gabrilli (PSDB-SP), e com a ministra da Secretaria de Política para as Mulheres, Eleonora Menicucci, para discutir as ações parlamentares na defesa dos direitos das mulheres. Em 2013, Mara Rúbia Guimarães, de 27 anos, foi torturada e teve os olhos perfurados pelo ex-marido, em Goiânia. O ex-marido cumpriu um ano de cadeia e agora está em regime semiaberto porque a Justiça entendeu que era um caso de lesão corporal e não tentativa de homicídio.

Acesse a íntegra no Portal Compromisso e Atitude: [Bancada feminina vai pedir revisão da pena do agressor de Mara Rúbia \(Câmara Notícias, 31/03/2015\)](#)